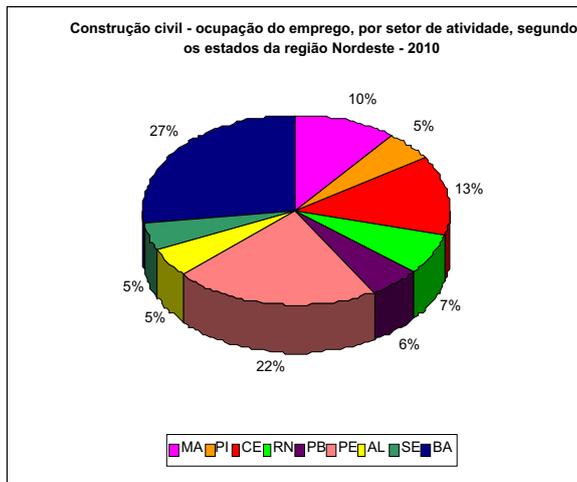


### Emprego formal no Nordeste em 2010 e 2011 (jan/abr)

O emprego formal no Nordeste cresceu 7,9%, em 2010, puxado pela construção civil (32,5%), comércio (10,9%) e serviços (10,1%). Em termos absolutos, os setores que mais empregaram foram: a administração pública (2.488.100), os serviços (2.181.320), o comércio (1.368.458) e a indústria de transformação (1.052.444). Estas atividades, no conjunto, responderam por cerca de 90% da ocupação.



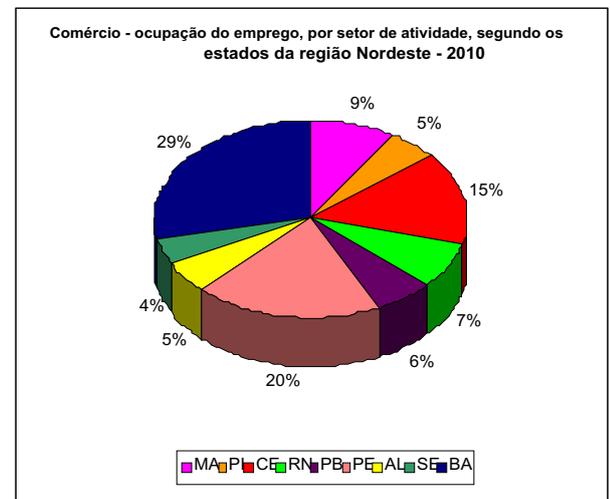
Fonte: MTE(Rais/CAGED); SUDENE/DPLAN.

O bom comportamento da construção civil e do comércio foi reflexo das medidas de manutenção da dinâmica da economia adotadas pelo governo, como a facilidade de acesso aos programas de crédito imobiliário e ao programa Minha Casa Minha Vida, à expansão das transferências de renda, ao aumento real do salário mínimo e à redução do desemprego. As medidas tiveram uma especial repercussão na região, por concentrar os estratos populacionais que mais se beneficiaram, em especial as classes C e D.

Estudos revelam que o crescimento econômico vem sendo puxado pelo consumo das famílias, beneficiando, setorialmente, mais o comércio do que a indústria. Entretanto, espera-se que, daqui para a frente, a evolução entre as famílias e as empresas se equilibre, devido, principalmente, aos investimentos em infraestrutura para sustentação do crescimento.

Segundo o IBGE, o consumo das famílias cresce consecutivamente há sete anos. O DIEESE observa que há, no país, um crescente descompasso entre o crescimento do comércio e a produção industrial.

Em termos de quantidades, o comércio tem crescido, a partir do início de 1995, a taxas superiores ao crescimento da indústria, fazendo com que a indústria de transformação não consiga acompanhar a dinâmica da economia. A CNI destaca que a participação da indústria no PIB brasileiro caiu de 35,9%, em 1984, para 15,8%, no ano passado. O setor que foi responsável por 30,6% de todos os postos de trabalho no país, em 1985, hoje emprega apenas 17,4% dos trabalhadores.



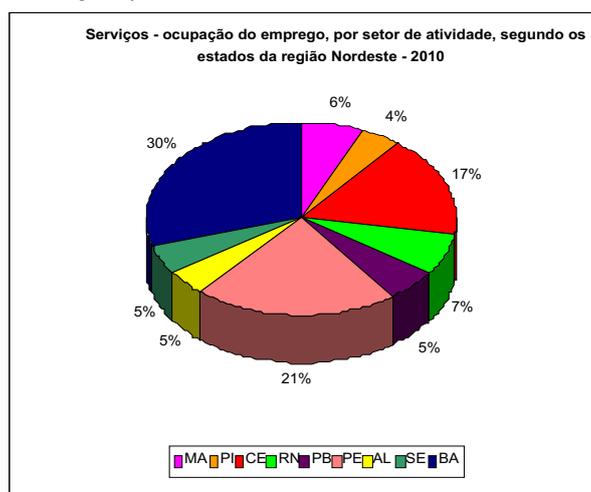
Fonte: MTE(Rais/CAGED); SUDENE/DPLAN.

O razoável bom comportamento do emprego na indústria de transformação (6,2%), ainda que abaixo da média regional, deve-se ao fato da estrutura industrial nordestina ser bem diferente das outras regiões.

Segundo o IBGE, as indústrias nordestinas mais dinâmicas são as de refino de petróleo e produção de álcool, e alimentos e bebidas. Ambas respondem por quase 40% do valor da transformação industrial (VTI) (20,3% e 17,7%, respectivamente). A participação da região no VTI nacional – 9,7% – a coloca em terceiro lugar, bem abaixo dos primeiro e segundo lugares. O Sudeste e o Sul respondem por mais de 80% do VTI (62,2% e 18,3%), reflexo de uma maior diversificação e densidade da estrutura de transformação. Estas características fazem com que a indústria de transformação destas regiões se beneficie mais da fase atual de crescimento do país.

Os estados que mais contribuíram para o crescimento do emprego regional foram o Maranhão, com 13,2%, e Pernambuco, com 9,8%. A seguir ficaram Sergipe (7,4%), Piauí (7,3%), Ceará (7,2%), Bahia (7,0%), Rio Grande do Norte (6,7%), Paraíba (6,6%) e Alagoas (5,6%).

A boa performance da ocupação no **Maranhão** foi proporcionada pela extrativa mineral (51,0%), a construção civil (47,5%) e o comércio (14,9%). O comportamento observado na construção civil e no comércio está embasado nas justificativas nacional e regional. A extrativa mineral foi estimulada pelas importações da China, Japão e Alemanha, responsáveis por cerca de metade das exportações minerais de ferro, cobre e manganês da região da Amazônia Legal. Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio (MDIC), o Maranhão e o Pará respondem por cerca de 26% da exportação da indústria extrativa e de transformação daquela região. Em termos absolutos, o grande empregador foi a administração pública, que, sozinha, respondeu por cerca de 40% do emprego formal, depois os serviços, por 22%; o comércio, por 19%; a construção civil, por 9%; e a indústria de transformação, por 6%.

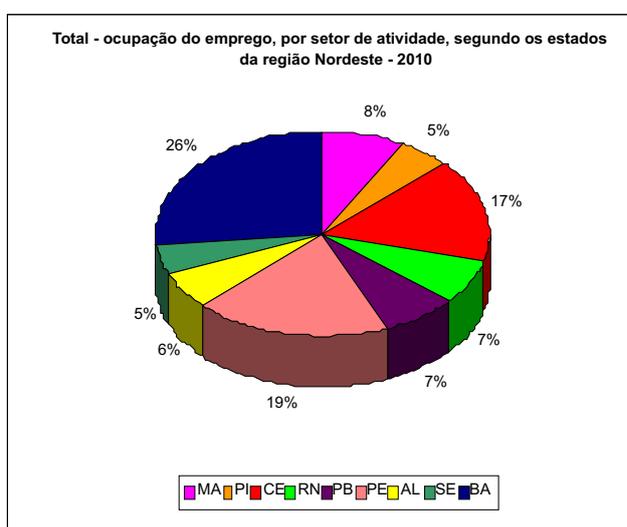


O crescimento do emprego em **Pernambuco** foi alavancado pela construção civil (43,8%), agropecuária (21,9%), serviços (12,6%) e comércio (10,0%). O dinamismo observado na construção civil justifica-se, por um lado, pelo nível de investimentos em infraestrutura realizados no estado, e, pelo outro, pela manutenção da renda da população, expansão do crédito e a regulamentação do financiamento imobiliário. O comportamento das restantes atividades é o reflexo das medidas implementadas pelo governo. Ao contrário do verificado nos outros estados, a atividade que mais empregou foi a dos serviços, responsável por cerca de 1/3 das ocupações. A seguir ficaram a administração pública (26%), o comércio (17%) e a indústria de transformação (14%).

Em **Sergipe**, as atividades que mais se destacaram quanto à ocupação foram a construção civil (32,6%), a indústria de transformação (14,1%), os serviços (12,3%), a

agropecuária (11,6%), os serviços industriais de utilidade pública (11,0%) e o comércio (9,7%). Seguindo a tendência, a atividade que mais empregou foi a administração pública, com cerca de 1/3 das vagas. A seguir, os serviços, com 27%, o comércio, com 15% e a indústria de transformação, com 11%.

O emprego no **Piauí** teve destaque na construção civil (17,5%), serviços industriais de utilidade pública (17,0%), comércio (14,0%) e serviços (7,3%). A importância dos serviços industriais de utilidade pública pode ser explicada pelo crescimento na energia elétrica, resultado dos investimentos provenientes do programa Luz para Todos, que permitiu que os benefícios da atividade chegassem a mais de 80% da população do estado. A administração pública respondeu por cerca de 40,0% do emprego, os serviços, por 25,0%, o comércio, por 19,0% e a construção civil, por 8,0%.



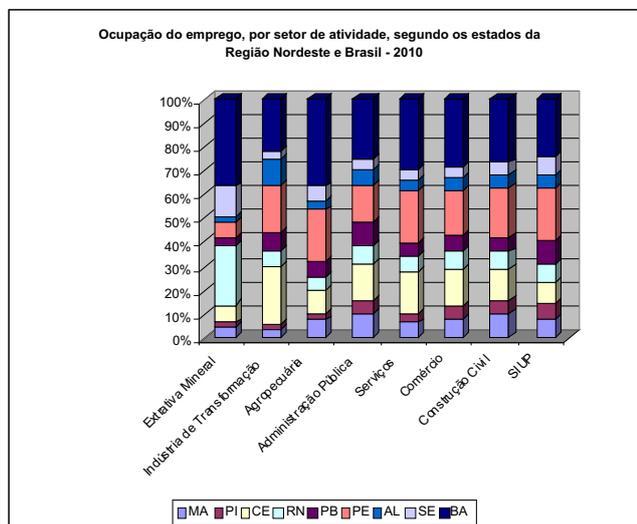
As atividades que impulsionaram a ocupação no **Ceará**, foram a construção civil (30,0%), o comércio (13,0%) e os serviços (10,2%). O bom comportamento registrado nas três atividades reflete as áreas da economia regional que melhor reagiram às medidas de estímulo implementadas pelo governo. Em termos absolutos, as áreas que mais empregaram foram a administração pública, responsável por cerca de 1/3 do emprego formal, os serviços (28,0%), a indústria de transformação (19,0%) e o comércio (16,0%).

O crescimento do emprego na **Bahia** foi proporcionado pela construção civil (23,0%), indústria de transformação (9,5%), serviços (8,9%), comércio (8,7%) e serviços industriais de utilidade pública (7,8%). Assim como em Pernambuco, também neste estado o setor serviços é o principal mercado de trabalho, responsável por cerca de 1/3 das ocupações. A seguir, situam-se a administração pública (29%); o comércio (18%); a indústria de transformação (10%) e a construção civil (7%).

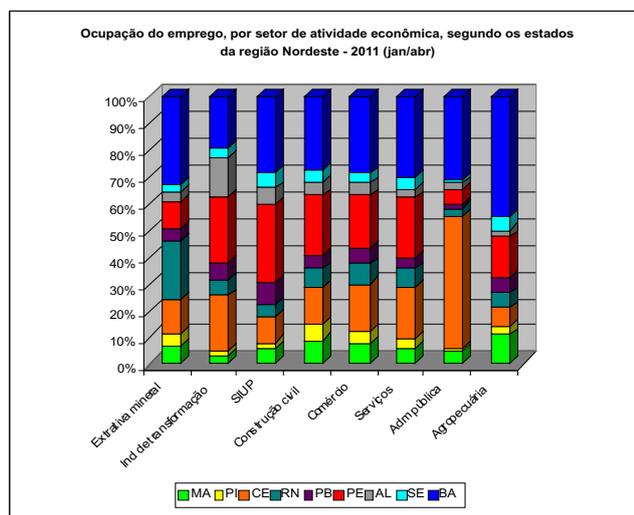
No **Rio Grande do Norte**, o emprego teve o crescimento estimulado pela construção civil com 34,3%, comércio (9,8%), indústria de transformação (9,5%) e serviços (8,2%).

## Emprego e Rendimento

A administração pública responde por cerca de 1/3 dos empregos, os serviços por 26,0%, o comércio por 18,0%, a indústria de transformação por 13,0%, e a construção civil por 7,0%.



As atividades que contribuíram para alavancar o emprego na **Paraíba** foram a construção civil (23,1%), o comércio (13,5%), a indústria de transformação (9,8%) e os serviços (8,7%). Seguindo a tendência, as áreas que mais empregaram foram a administração pública, com mais de 40,0%, os serviços (21,0%), o comércio (14,0%) e a indústria de transformação (13,0%).



A taxa de ocupação de **Alagoas** foi impulsionada pela construção civil (51,8%), o comércio (11,3%) e os serviços (8,7%). Seguindo a tendência da maioria dos estados da região, o maior empregador foi a administração pública, que proporcionou cerca de 1/3 das ocupações. A seguir ficaram a indústria de transformação e os serviços, com cerca de 20% cada um, e o comércio, com 16%.

No primeiro quadrimestre de 2011 a ocupação do emprego no Nordeste cresceu 14,7%, em relação ao mesmo período do ano passado, puxado pelos mesmos estados que ajudaram a alavancar o crescimento da região, em 2010, só que em ordem inversa. Assim, em primeiro, ficou Pernambuco com um incremento no período de 22,3% e o Maranhão, em segundo, com 19,1%. Sergipe manteve a posição com 14,6% e a seguir ficaram Alagoas com 13,4%, Ceará com 13,2%, Bahia com 12,3%, Piauí com 12,0%, Paraíba com 10,7% e Rio Grande do Norte com 7,8%. Na região, as atividades mais dinâmicas foram a administração pública (42,6%), a extrativa mineral (21,2%), a construção civil (18,6%), os serviços (17,2%) e o comércio (15,6%).

### Rendimento

Segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego, 69,3% do emprego formal do Nordeste recebe até dois salários mínimos. Esse quantitativo é puxado pelos estados do Ceará (74,8%), Paraíba (73,1%) e Alagoas (70,7%). Sergipe ocupa a melhor posição (66,3%). A média nacional é de 55,7%.

De acordo com o IBGE, o rendimento médio das pessoas em idade ativa no Nordeste, passou de R\$ 474, em 2005, para R\$ 620, em 2009, um incremento de 30,8%, enquanto o nacional foi de 18,2%, representado pelo aumento de R\$ 851 para R\$ 1.006, no mesmo período. Os números revelam que o rendimento médio da Região representa cerca de 60% da média nacional.

Segundo a Pesquisa de Orçamento Familiar (POF), de 2008-2009, do IBGE, o rendimento médio total de uma família no Nordeste representava 63,8% do rendimento médio total de uma família no Brasil, a menor participação de todas as regiões. Distribuindo-se essa remuneração familiar pelo número médio de componentes a situação agrava-se, uma vez que uma família média no Brasil tem 3,3 componentes e no Nordeste cerca de 3,6.

Comparando-se as POFs de 2002-2003 e 2008-2009 e arbitrando-se o rendimento médio de R\$ 1.200,00, em razão de ser um extrato comum aos dois períodos de análise, é possível concluir o seguinte:

#### Documento de 2002-2003:

- 58,53% das famílias no Brasil recebiam até o valor de referência;
- 78,19% das famílias no Nordeste recebiam até o valor de referência;

#### Documento de 2008-2009:

- 39,05% das famílias no Brasil recebiam até o valor de referência;
- 61,41% das famílias no Nordeste recebiam até o valor de referência;

De onde se constata que enquanto o Brasil diminuiu em 33,28% o percentual de famílias que recebiam até o valor de referência, o Nordeste somente o reduziu em 21,46%. Isso faz com que as famílias nordestinas que recebiam até o valor de referência e excediam as famílias nacionais em 33,6%, excedem, agora, em 57,2%.

O documento mostra, também, que um dos problemas nacionais era o grau de concentração dos recursos

entre as famílias ou pessoas. No Brasil, 40% das famílias com menores rendimentos possuíam uma despesa total per capita de aproximadamente R\$296,35, e os 10% com maiores rendimentos, uma despesa de R\$2.844,56. A distância média entre esses dois grupos era de 9,6 vezes. No Nordeste, a região mais desigual do país, essa distância era de 11,4 vezes.

## Rendimento Médio Mensal por Tipo de Origem dos Recebimentos – 2008-2009

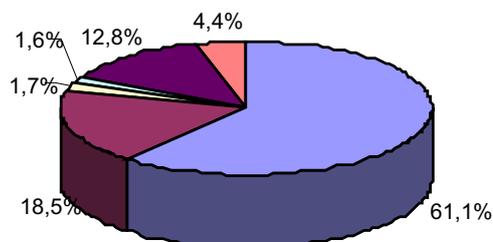
Brasil e Nordeste	Total	Rendimento do Trabalho	Transferência	Rendimento de Aluguel	Outras Rendas	Rendimento não Monetário	Outros (saques de poupança, herança e vendas de imóveis)
<b>Brasil</b>	<b>2.763,47</b>	1.688,00	511,16	46,53	43,08	352,86	121,83
<b>Nordeste</b>	<b>1.764,62</b>	1.019,43	397,59	20,68	36,07	239,13	51,73
<b>Brasil</b>	<b>100,0</b>	61,1	18,5	1,7	1,6	12,8	4,4
<b>Nordeste</b>	<b>100,0</b>	57,8	22,5	1,2	2,0	13,6	2,9

Fonte: IBGE (POF); SUDENE/DPLAN.

De acordo com a POF de 2008-2009, o Nordeste apresentou o menor rendimento total, o menor rendimento proveniente do trabalho e também o menor rendimento proveniente de outros (saques de poupança,

herança e venda de imóveis). Entretanto, registrou o maior rendimento oriundo de transferência (aposentadorias, pensões e programas sociais de transferência de renda).

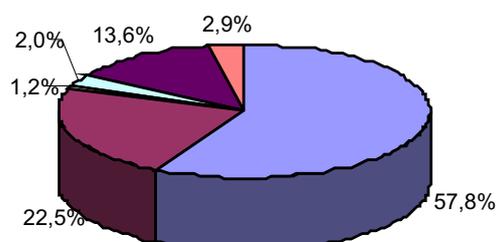
Brasil - rendimento médio mensal por tipo de origem dos recebimentos



■ Rendimento do trabalho ■ Transferência ■ Rendimento de aluguel  
■ Outras rendas ■ Rendimento não monetário ■ Outros

Fonte: IBGE (POF); SUDENE/DPLAN.

Nordeste - rendimento médio mensal por tipo de origem dos recebimentos



■ Rendimento do trabalho ■ Transferência ■ Rendimento de aluguel  
■ Outras rendas ■ Rendimento não monetário ■ Outros

Fonte: IBGE (POF); SUDENE/DPLAN.

## Boletim Conjuntural

### Equipe Técnica

**Publicação da Diretoria de Planejamento e Articulação de Políticas**

**Coordenação de Gestão da Informação Para o Desenvolvimento**

Frederico Augusto de A. Cavalcanti (Coordenador)  
José Luis Alonso da Silva (Responsável)  
Marcus Vinicius S. Coelho da Paz  
Lutemberg F. de A. Santana (Estagiário)

**Editoração - Assessoria de Comunicação Social**  
Charlene Vitor de Farias (Estagiária)

**Dilma Vana Rouseff**  
Presidente da República

**Fernando Bezerra de Souza Coelho**  
Ministro da Integração Nacional

**Paulo Sérgio de Noronha Fontana**  
Superintendente da SUDENE

**Guilherme Maia Rebouças**  
Diretor de Planejamento e Articulação de Políticas



Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

Ministério da Integração Nacional

